

ANOTAÇÕES PARA UMA HISTÓRIA DO EXTREMISMO DE ESQUERDA

Valério Arcary

Resumo: O movimento socialista internacional, ao longo dos últimos cento e cinquenta anos, não se dividiu somente em reformistas e revolucionários. Estes foram os dois campos programáticos decisivos no marxismo, mas, assim como os que se reivindicaram gradualistas ou reformistas, aprisionaram na sua órbita - à esquerda - um espectro, o centrismo, as correntes identificadas como radicais ou revolucionárias precisaram se diferenciar de suas sombras ultra-esquerdistas. Os conceitos reformismo, centrismo, revolucionarismo, ultra-esquerdismo ou sectarismo podem parecer epítetos, porque foram e são usados como acusações insultuosas, mas foram seriamente considerados na tradição marxista como categorias teóricas, ou seja, com significados precisos. Historiadores das organizações de esquerda que se surpreendem com a divisão da esquerda socialista, não teriam porque ignorá-los em suas investigações sobre os fatores que poderiam explicar a pulverização dos socialistas.

Palavras-chave: socialismo, marxismo, ultra-esquerdismo, sectarismo, ultimatismo.

Abstract: International socialist movement, through the last one hundred and fifty years, did not divide only in reformist and revolutionaries. These have been the two decisive programmatic fields in marxism, but, as well as those claimed as gradualists or reformists, imprisoned in their orbit - to the left - a specter, the centrism, the radical or revolutionary tendencies needed to differentiate themselves from their ultra-left shadows. Reformism, centrism, revolutionarism and ultra-leftism are concepts that might seem insults, but they had been seriously considered in the marxist tradition as theoretical categories with necessary meanings. Historians of the left organizations that surprise themselves with the splits of the socialist left, should not ignore them in their investigations on the factors that could explain the divisions of socialists.

Key words: socialism, marxism, ultra-leftism, sectarism, ultimatism.

Num dia de setembro, poucos meses depois da prisão de seus camaradas

· Historiador e professor do CEFET/SP, é autor de *As Esquinas perigosas da História, situações revolucionárias em perspectiva marxista*.

Sacco e Vanzetti, um anarquista italiano chamado Mario Buda, estacionou sua carreta puxada por um cavalo, próximo da esquina de Wall Street, em frente da companhia J.P Morgan (...). Umas poucas quadras mais adiante um assustado carteiro encontrou uns panfletos que avisavam: 'Liberdade para os prisioneiros políticos ou morrerão todos!', assinados pela 'American Anarquist Fighters' (Lutadores Anarquistas dos Estados Unidos). Os sinos da Trinity Church começaram a soar ao meio-dia e, quando pararam, a carreta carregada de dinamite e pedaços de metal explodiu, convertendo-se em uma bola de fogo cheia de metralha(...) Buda não gostou de saber que J.P.Morgan não se encontrava entre os 40 mortos e mais de 200 feridos (...) estava longe na Escócia em seu pavilhão de caça. Ainda assim, o pobre imigrante, com alguma dinamite roubada, um montão de pedaços de metal e um velho cavalo havia provocado um terror sem precedentes no coração do capitalismo(...) O carro-bomba se converteu em uma arma semi-estratégica comparável à força aérea pela sua capacidade de derrubar centros urbanos importantes e quartéis-generais. O caminhão bomba suicida que devastou a embaixada norte-americana e os quartéis dos marines em Beirute em 1983 (...) obrigou Reagan a retirar-se do Líbano. (DAVIS, 2006-1).

A historiografia marxista estabeleceu como premissa teórico-metodológica que as idéias não governam o destino do mundo, é o mundo que governa o destino das idéias. Interesses materiais condicionam as representações políticas nas sociedades contemporâneas. No entanto, esta fórmula, em geral correta, é, por si só, insuficiente. Projetos radicais se transformam, também, em forças materiais, quando conquistam influência entre milhões, e passam a ser o combustível da transformação histórica. Sem a força de idéias poderosas não seria possível mudar o mundo.

Em um mundo tão desigual e injusto, as classes dominantes não poderiam manter o controle do poder – isto é, o monopólio da força – se não fossem capazes de apresentar as suas necessidades como necessidades universais. Apoiaram-se para legitimar, politicamente, seus interesses, além do medo das represálias, nos costumes herdados e nas tradições alienadoras, que são forças de inércia que reforçam o conservadorismo nas sociedades contemporâneas.

A cultura dominante se expressa em um repertório ideológico e vocabulário político que se transforma pela mediação da luta de valores e concepções. Esta luta expressa as percepções do mundo que nascem de uma experiência material e são formuladas a partir das condições sociais em que os seres humanos estão inseridos, ou seja,

pela sua condição de classe. Historiadores do movimento socialista não poderiam deixar de lado o mesmo critério para explicar a influência, maior ou menor, de cada uma das tendências igualitaristas, em cada país e em cada época. Não existiu nunca, contudo, uma imediata coincidência entre os humores das classes e seus porta-vozes. Tanto as classes proprietárias quanto as despossuídas tiveram desencontros com as organizações políticas que pretendiam traduzir em programas as necessidades colocadas em cada realidade histórico-concreta. Um longo “exílio” minoritário foi os destino das tendências políticas que lutaram contra a corrente.

Uma resposta para a divisão da esquerda entre o programa da revolução e o das reformas do modo de produção, ou seja, para as dificuldades de uma representação de classe unificada do trabalho, foi procurada pela historiografia marxista – como na *Era dos extremos* de Hobsbawm - na história do próprio capitalismo, portanto, na capacidade do sistema, quando em certas condições histórico-econômicas e determinadas conjunturas políticas, como na Europa e nos EUA fim do XIX, ou nos países da tríade nos trinta anos pós-45, de absorver reivindicações parciais, se ameaçados pelo perigo de extensão de revoluções. Não ignoraram, também, a pressão que as classes proprietárias desenvolveram sobre os movimentos socialistas, incentivando as lideranças moderadas, que não deixaram de ser promovidas. Organizações integradas à defesa do regime de dominação do trabalho encontraram, em condições que favoreciam concessões ao trabalho, um eco político para seu programa de reformas do capitalismo.

Por outro lado, o movimento socialista foi, desde a sua fundação, internacional e seus desenlaces foram indissociáveis dos confrontos entre revolução e contra-revolução em escala mundial. A existência de Estados que reivindicavam o projeto socialista, em sociedades em que processos revolucionários levaram à expropriação do Capital, mas que permaneceram isolados, exerceu uma poderosa autoridade sobre a esquerda mundial durante décadas: o “nacionalismo da URSS”, ou seja, o campismo socialista ou estalinismo foi uma das ideologias mais influentes no século XX. A defesa dos interesses desses Estados – e dos aparelhos burocráticos que se apropriaram de seu controle – sacrificando os ideais do internacionalismo, produziu importantes divisões no proletariado.

No entanto, além das diferenças ideológicas, não haveria porque diminuir na análise que a estratificação social do mundo do trabalho foi ficando mais complexa. Não há como desconhecer que o proletariado contemporâneo foi se diversificando a tal ponto, que a sua representação por um único partido, há muito deixou de ser, politicamente, útil ou possível na maioria das sociedades urbanizadas. Não obstante essa diversidade social é insuficiente atribuir somente à heterogeneidade social as divisões e até dispersões na esquerda. Análises sociológicas precisam ser historicamente contextualizadas. Há uma história complexa de disputa de visões do que seriam as possibilidades e limites do capitalismo, e que remete às reviravoltas dos processos revolucionários do século XX. As vitórias revolucionárias incendiaram esperanças militantes, renovação teórica e unificações políticas. E as derrotas alimentaram os nomadismos ecléticos dos partidos, a dispersão teórica do marxismo e, finalmente, diásporas sociais na intelectualidade.

A linha divisória entre os dois grandes campos, reforma e revolução, não esgotou, no entanto, as identidades políticas na esquerda de inspiração marxista e base operária. Duas outras tradições políticas se mantiveram ao longo dos últimos cem anos, o centrismo e o ultra-esquerdismo, ainda que nem sempre tivessem preservado uma continuidade orgânica internacional. O tema deste artigo será a apresentação da polêmica com as correntes ultimatistas, criticadas na tradição marxista pela sua identidade imaginária com os interesses da revolução do futuro.

O ultra-esquerdismo não é o mesmo que o sectarismo

Uma percepção superficial do tema pode levar à associação indiferenciada de ultra-esquerdismo, sectarismo e seitas. Essa primeira percepção, mesmo se ligeira, não é de todo incorreta, mas é insatisfatória. É razoável afirmar que as organizações ultimatistas foram, predominantemente, doutrinárias na teoria, ou seja, tiveram um quadro ideológico de referências muito fechado, e reflexos defensivos sectários. No entanto, embora muito associados, os grupos ultra-esquerdistas não foram sempre mais sectários que outras correntes no movimento socialista, nem os sectários foram todos ultras. O ultra-esquerdismo não deveria ser identificado, portanto, por

historiadores profissionais, como igual a sectarismo, mesmo quando acusados como tais por seus adversários políticos. Na tradição marxista, sectarismo não foi, necessariamente, uma acusação de extremismo, nem sinônimo de intransigência, embora os sectários tenham sido intolerantes. Essa crítica é ainda superficial.

O ultra-esquerdismo pode ser definido como uma política ou até uma doutrina, se considerarmos que o anarquismo antecedeu, no século XIX, grande parte do que seria o repertório do ultra-esquerdismo do século XX. Já o sectarismo foi mais um método de interpretação da realidade ou conduta política que elegera como prioridade a defesa de um corpo de idéias fixas ou interesses de grupo. Sectarismo político era entendido como, por um lado, propagandismo, ou seja, a agitação permanente do mesmo programa, independentemente da situação concreta, e, por outro, aparelhismo, um conjunto de procedimentos de auto-afirmação. Tendências sectárias têm muita dificuldade para realizar a frente única, mesmo quando acordos eram possíveis para campanhas conjuntas, porque identificavam os potenciais aliados, em especial, os mais próximos, como inimigas.

Todo o tema é ainda mais complexo porque nem todas as correntes ultras degeneraram, tampouco, em seitas. Seitas são organizações híper-centralizadas e incorrigíveis, isto é, incapazes de reagir às pressões sociais e políticas dos meios em que decidiram agir. Os anarquistas dos “Amigos de Durruti” na Catalunha nos anos 1936/37 da revolução espanhola, por exemplo, eram ultra-esquerdistas. Defenderam, ainda sob a monarquia, a legitimidade das ações armadas vingativas como os ataques à bomba contra prédios públicos, e atentados punitivos contra autoridades odiadas. Herdaram o fascínio dos fenianos irlandeses, dos esseristas russos – os militantes do Partido socialista revolucionário – e de uma parcela do anarquismo pelas táticas terroristas. Não obstante, seria superficial ou até injusto considerá-los uma seita. Não tiveram tempo sequer para, politicamente, serem tão homogêneos a ponto de constituir uma organização centralizada. Apesar da grande liderança de Durruti, eram sensíveis às pressões políticas externas, e mantiveram relações fraternais com os trotskistas. Sua iniciativa política teve impacto na realidade. Não eram nem política, nem socialmente, marginais. Foram capazes de organizar os setores de massas mais combativos do proletariado em Barcelona na luta contra o capitalismo e o fascismo.

Conquistaram a admiração da esquerda mundial pelo seu heroísmo nas trincheiras da Guerra Civil em Aragão, e estiveram entre os mártires da defesa de Madri. Atuaram em frente única política com diferentes correntes da esquerda – como o Partido Obrero de Unificación Marxista (POUM) e as juventudes do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) – em distintas conjunturas, e fizeram frente única militar com todas as forças republicanas contra o fascismo. Por outro lado, alguns Partidos Comunistas pró-Moscou, mesmo quando conquistaram influência sobre milhões, como o PC alemão no início dos anos trinta, quando acusava a social-democracia de social-fascista, e seus críticos de esquerda como trotsko-nazis, não deveria ser julgado como “ultra” – apesar dos abusos esquerdistas das táticas estalinistas conhecidas como Terceiro Período – embora seu sectarismo tenha sido legendário. O PC da Alemanha estava longe de ser uma seita, mas teve durante alguns anos uma postura sectária.

Ultra-esquerdismo ou sectarismo, assim como oportunismo, são avaliações que se atribuem a orientações e práticas políticas. Não poucas correntes na história da esquerda mundial abraçou, uma ou outra vez, táticas ultras ou sectárias. O PC do Brasil, por exemplo, oscilou de posições ultras para posições oportunistas em relação ao governo de Getúlio Vargas nos primeiros da década de cinquenta. O julgamento de uma organização como uma seita, todavia, deveria considerar outros fatores além da linha política: sua presença social, seu regime interno e, sobretudo, sua capacidade de refletir sobre sua própria história e sofrer as pressões dos setores sociais onde pretendeu se implantar. Seitas têm grande capacidade de resistência às pressões internas.

O ultra-esquerdismo procurou consistência em um programa. Caracteriza-se por uma perspectiva substitucionista: coloca para os trabalhadores e a juventude, ou outro sujeito social explorado e oprimido, projetos, reivindicações ou ações que estes, em sua maioria, não identificam ainda como os seus, antecipando-se à experiência do grosso da classe. Estão dispostos, às vezes, apoiados em setores mais radicalizados, a ações exemplares que amedontem seus inimigos e incentivem seus aliados. Podem aderir ou não às ações armadas, mas suas propostas estão além do que os batalhões majoritários da classe operária estariam dispostos a realizar ou mesmo aceitar, ou seja, políticas ultimatistas.

O obreirismo das tendências ultras – marxistas ou anarquistas - tendeu a ser inversamente proporcional à sua real implantação nos meios operários, que foi, historicamente, minoritária na maioria dos países e processos revolucionários, senão raquítica. Teve, na sua raiz, uma apreciação sobre-valorizada das relações de forças políticas e sociais. As políticas ultras subestimam as forças reacionárias e os obstáculos à mobilização e organização dos trabalhadores, a começar pela falta de confiança do povo em si próprio. Mas, o seu afã voluntarista exigiu uma forte identidade e coesão interna.

O sectarismo, tampouco, deve ser identificado como sinônimo de seita. O sectarismo é produto de concepções doutrinárias. Os sectários foram, essencialmente, propagandistas e aparelhistas. Sua atitude professoral foi um obstáculo para a unidade na ação com outras correntes. Marx e Engels criticaram as tendências igualitaristas francesas do século XIX como correntes sectárias, porque extraíam suas concepções teóricas ou conclusões políticas sobre o programa de princípios, e não da crítica da realidade. Foram contidos, mas severos na avaliação das correntes dirigentes da Comuna de Paris:

Não restam dúvidas que os decretos econômicos da Comuna, tanto no que tinham de positivo como no que resultou negativo, devem ser atribuídos aos proudonistas, da mesma maneira nos seus atos e suas omissões no terreno político devem ser atribuídos aos blanquistas. Em ambos os casos, quis a ironia da História – como aconteceu sempre que o timão foi empunhado por doutrinários – que uns e outros fizessem cabalmente o contrário que a doutrina de sua escola lhes ordenava fazer. (ENGELS,1998,213)

Os sectários dedicaram-se, mesmo quando absorveram um vocabulário marxista, à divulgação de um programa histórico, portanto, abstrato, sem procurar uma intervenção política que pudesse influenciar o movimento real dos trabalhadores. Aqueles que não concordam com a integralidade da visão de mundo dos sectários foram, sumariamente, identificados como inimigos – “cavalos de Tróia’ ou a “quinta coluna” - mesmo quando estavam dispostos à frente única ou à unidade na ação. Foram criticados por permanecerem satisfeitos em falar para si próprios. A ideologização da intervenção política, e a auto-afirmação, senão auto-proclamação, foi o destino comum das tendências sectárias.

Nem sempre, contudo, os ultra-esquerdistas organizam seitas.

Muitos ultra-esquerdistas, mesmo com “tiques” sectários, não constituíram grupos políticos estáveis, finanças próprias e imprensa regular. Foram, com freqüência, líderes sindicais, intelectuais radicais, ou lideranças populares que agiram, sobretudo, individualmente, nos limites movimentistas de articulações circunstanciais e perspectivas improvisadas, portanto, efêmeras. Tendências anarquistas ressurgiram, depois de 1968, em variados países, com estas características, e não estabeleceram relações orgânicas com o movimento operário. A formação de uma organização operária exigiu, freqüentemente, décadas de persistência. Por outro lado, nem todos os sectários consolidam, tampouco, seitas. E nem todas as seitas na história do movimento operário foram grupos, especialmente, pequenos.

Seitas socialistas reduziram-se a grupos marginais. Mas, a marginalidade não é somente uma questão de tamanho, embora a maioria das seitas tenham sido liliputianas, ou seja, minúsculas. A marginalidade político-sindical reflete a relação que as seitas preferem manter com o movimento operário e sindical e com outros movimentos sociais. O que define uma seita não é o seu tamanho, mas sua marginalidade crônica, sua impermeabilidade à pressão social e política, e um regime interno burocraticamente deformado, isto é, politicamente, estéril. As seitas anarquistas e socialistas foram, predominantemente, organizações estáveis e duradouras, como o bordiguismo na Itália, o spartakismo nos EUA, e o healismo na Inglaterra.

O tema não é simples: as grandes organizações revolucionárias do século XX, como o bolchevismo russo ou o PC alemão nos anos vinte, tiveram, em algumas ocasiões, sintomas sectários, uma reação defensiva de auto-proteção de pressões sociais ou políticas perigosas. A maioria das seitas não superou as dezenas de membros, porém, a esquerda mundial conheceu seitas com milhares de membros. De resto, o sectarismo infeccionou por igual as correntes ultras e as reformistas. As correntes moderadas foram, com freqüência, muito frentistas com os que estavam, politicamente, à sua direita, porém, furiosamente sectárias com os que lutavam à sua esquerda.

A rivalidade na esquerda expressou a pluralidade de experiências e projetos, apoiados em distintas bases sociais. Sectários não seriam, portanto, aqueles que dizem o que pensam, inclusive, quando criticam

os outros. Uma delimitação política clara e uma demarcação ideológica firme não confirma que uma organização é uma seita. O contrário do sectarismo não é o tato ou a diplomacia, mas a disposição de intervir na realidade e aprender dessa intervenção. Sectários seriam os que sacrificam a possibilidade de um passo em frente em comum nas lutas, em função de outros desacordos, confessando sua impotência. Trotsky definiu o sectarismo, nos anos trinta, nos seguintes termos:

Para o marxista, a discussão é uma arma importante, mas funcional da luta de classes. Para o sectário, a discussão é um fim em si mesmo(...) É como um homem que sacia sua sede com água salgada: quanto mais bebe, mais aumenta sua sede. Por isso, sua irritação constante (...) Para o sectário, todo aquele que trata de lhe explicar que a participação ativa no movimento operário exige o estudo permanente da situação objetiva no lugar dos conselhos altaneiros pronunciados desde a tribuna professoral sectária, é um inimigo. Em lugar de dedicar-se a analisar a realidade, o sectário se dedica a intrigas, rumores e histeria. (TROTSKY, 1979 a, 231/232)

Sectárias, nesta interpretação, teriam sido aquelas correntes que colocaram seus dogmas ideológicos, e rivalidades na disputa de posições, acima das necessidades concretas de mobilização e ou organização dos trabalhadores. Os sectários desprezaram a importância, em cada situação, da política que poderia, efetivamente, colocar em movimento as amplas massas, secundarizando o terreno da frente única. Sobre-estimaram a sua influência e subestimaram a dos outros. Quando a apartação dos coletivos socialistas dos trabalhadores é politicamente duradoura, o afastamento social pode ter conseqüências muito graves. Ensina a sabedoria popular que os peixes morrem fora da água.

Uma implantação frágil no proletariado foi, depois de anos, inexoravelmente, fatal na história da esquerda marxista. Anos e anos em uma condição minoritária crônica, alheios à vida real das massas populares e refugiados em ambientes estudantis, levaram inúmeros grupos socialistas, abnegados na origem, a desenvolver “manias” e “fobias” variadas: a primeira “fuga em frente” foi o escapismo em um mundo literário de comentadores da luta de classes.

Uma pequena audiência das posições esquerdistas - quando há pouca disposição de luta, ou a experiência dos trabalhadores com o capitalismo é insuficiente - agiganta as fragilidades das pequenas

organizações, e estimula degenerações perigosas: uma super-concentração de poder em alguns poucos, ou até em único dirigente, que precisa diminuir, humilhar ou destruir politicamente os outros como rivais; a demonização da polêmica de opiniões dificulta a convivência com diferenças e fortalece uma homogeneidade artificial, que deixa de ser construída em torno de idéias e passa a ser celebrada em torno dos líderes. As organizações que não encontram um caminho de construção na classe operária podem deformar-se na forma de seitas, sob a dupla pressão da adversidade e do aparelhismo, tendo á sua frente um chefe que se acredita “infalível como o Papa”. Refugiaram-se, com freqüência, no propagandismo estéril, e demonstraram-se indefesas diante das pressões “lumpens” dos meios boêmios. Sendo frágeis, não foram, no entanto, inofensivas.

As três fórmulas ultra-esquerdistas clássicas

Outros fatores exerceram um papel decisivo para explicar as rivalidades entre correntes. Vitórias da revolução fomentaram reaproximações, e triunfos da contra-revolução provocaram divisões. A marginalidade social atinge os círculos socialistas quando são grupos fundadores inexperientes e, mais severamente, quando vivem uma situação reacionária longa e refluxo esmagador. Trotsky observou sobre este fenômeno:

Todo partido operário atravessa em suas etapas iniciais um período de propaganda pura, isto é, de formação de seus quadros. O período de existência como círculo marxista inculca inevitavelmente o hábito de enfocar os problemas do movimento operário em forma abstrata. Quem não é capaz de transcender (...) os limites dessa existência limitada se transforma num sectário conservador. Para o sectário, a vida social é uma grande escola e ele é o seu professor. (TROTSKY, 1979 a, 229/230/231)

Em uma situação contra-revolucionária, o afastamento social dos trabalhadores e das massas populares tende a ser ainda mais grave. Nessas circunstâncias, as organizações inspiradas no marxismo estão sob severa repressão ou no exílio, portanto, separadas até fisicamente da base social que condiciona a sua razão de existência. Os ambientes fechados do isolamento, compreensível por razões de segurança, pressionam, defensivamente, no sentido de uma hiper-coesão interna,

que só pode se manter através de muita luta interna e intensa ideologização.

A inexistência de liberdades limita ou impede uma militância pública, portanto, uma interação e aprendizagem no movimento real dos trabalhadores que educa na tolerância de opiniões, e na correção dos aprioris. O perigo da repressão dificulta o funcionamento de organismos coletivos regulares, favorecendo decisões individuais ou entre poucos, deformando o regime interno participativo. As correntes marxistas tiveram, nessas condições, invariavelmente, poucas escolhas, a não ser resistir e esperar dias melhores. As idéias compartilhadas fortalecem uma identidade ou pertencimento.

O partido marxista que inspirou o modelo dos PC's fundados após a revolução russa, a fração bolchevique, não se afirmou somente em luta contra as adaptações oportunistas. Sobreviveu, também, resistindo às pressões ultra-esquerdistas. Lênin escreveu o seu clássico *Esquerdismo, a doença infantil do comunismo*, em resposta às polêmicas que precederam o Segundo Congresso da III Internacional, quando uma parte das recentemente organizadas secções européias viveu fortes pressões ultras:

Em 1908, os bolcheviques “de esquerda” foram expulsos de nosso Partido pelo seu empenho em não querer compreender a necessidade de participar em um parlamento ultra-reacionário(...) Se apoiavam, sobretudo, na feliz experiência do boicote de 1905. Quando o Czar anunciou em agosto de 1905 a convocatória de um parlamento consultivo, os bolcheviques, contra todos os partidos de oposição, e contra os mencheviques, declararam o boicote a este parlamento, que foi varrido, de fato, pela revolução de outubro de 1905. Então o boicote foi justo, não porque seja correto abster-se em geral de participar em parlamentos reacionários, mas porque foi considerada corretamente a situação objetiva, que conduzia a rápida transformação das greves de massas em greve política e, sucessivamente, em greve revolucionária e insurreição(...) Mas transportar, cegamente, por pura imitação, sem espírito crítico essa experiência a outras condições, é o maior dos erros(...) Hoje quando se considera de maneira retrospectiva este período histórico(...) se compreende que(...) os bolcheviques não teriam podido conservar (e não digo fortalecer) o núcleo sólido do partido (...) durante os anos 1908/1914, se não tivessem defendido(...) a combinação obrigatória das formas legais de luta com as formas ilegais, a participação obrigatória em um parlamento ultra-reacionário. (LENIN, 1966, p.369/370)

O ultimatismo foi, na apreciação inspirada no bolchevismo, a expressão “quimicamente pura” do voluntarismo. O esquerdismo foi

criticado, desde as discussões “fundacionais” com os anarquistas na I Internacional, por apresentar ultimatos à massa dos trabalhadores, desprezando os seus estados de espírito ou a qualidade de sua organização. Existiram, na tradição marxista, grosso modo, três formas clássicas de táticas ultras:

(a) Manifestou-se como uma conclamação de ações que as massas não estavam dispostas a realizar como, por exemplo, boicotes de eleições; ocupações de fábricas e prédios públicos; manutenção de greves, “custe o que custar”; ou o mais comum e indefectível chamado à greve geral; o substitucionismo assumiu, também, a forma militarista, a intimidação terrorista das classes dominantes pela ação exemplar de comandos justiceiros.

(b) Traduziu-se na forma de palavras de ordem radicais, como a clássica discussão sobre índices de aumento de salários - 10% ou 50%? - ou então a polêmica, também recorrente, sobre os valores dos salários mínimos e pisos salariais; ou como o infalível “abaixo o governo”, que as massas ainda não compreendiam, ou porque não sentiam confiança em si próprias, ou porque sua experiência política era insuficiente;

(c) Assumiu a forma de um ultimatismo de organização: abandonar os sindicatos com direções moderadas, por que a sua direção seria “pelega”, não importando se a maioria do movimento reconhecia ou não a direção.

O elemento comum a todos as táticas ultras seria o desprezo pelo processo de aprendizagem sindical e parlamentar das massas.

Os ultra-esquerdistas podem encontrar uma base social?

Historiadores marxistas insistiram que, em situações revolucionárias, a experiência política das massas sendo dramaticamente desigual, um segmento minoritário de vanguarda tende ao descolamento das amplas massas, e precipita-se em combates apressados. A revolução alemã viveu, mais de uma vez, as desventuras das suas Jornadas de Julho, insurreições improvisadas em condições imaturas:

Foi, finalmente, o herói do 25 de novembro, o ex-tenente Dorrenbach, chefe da divisão da Marinha do Povo, ligado a Liebknecht, quem fez

pende a balança: existiam, ele assegura, divisões nas forças da ordem, ele mesmo dispunha da Divisão da Marinha, e ele assegura que vários milhares de homens, com 2.000 metralhadoras e de 20 caminhões, arregimentados em Spandau, onde o spartakista Von Lojewski dirige o conselho de soldados, estão prontos a apoiar os tralhadores berlinenses. Ele convence Lebedour e Liebknecht, e foi por grande maioria, contra um pequeno grupo com Richard Muller e Daümig, que se decide ir avante e tentar derrubar o Governo. Designa-se um Comitê Revolucionário(...) que “proclama a deposição” do governo(...)Deveria ser o início da insurreição. (BROUÉ, 1997, 72)

Foi o início de uma contra-ofensiva repressiva que levou à decapitação da direção do PC alemão com o assassinato de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. A história das revoluções políticas em sociedades densamente urbanizadas, no século XX, sugere que, durante crises revolucionárias, políticas “ultras” podem encontrar uma base social entre os sectores mais radicalizados, ou mais castigados pela exploração. Essa vanguarda pode se sentir atraída por ações precipitadas, desrespeitando a democracia do próprio movimento, ou desprezando os limites das relações de forças, abrindo, assim, o flanco para a repressão que depois atinge, indiscriminadamente, o conjunto da classe.

Em algumas circunstâncias excepcionais, no calor de crises revolucionárias, o esquerdismo pode conquistar influência sobre alguns setores, ainda que permanecendo uma minoria. A revolução russa teve a sua célebre “Jornadas de Julho”, quando um sector de massas do proletariado de Petrogrado se lançou às ruas para derrubar o governo, o que abriu o caminho para a repressão que levou boa parte da direção bolchevique para a cadeia, e Lênin para a clandestinidade. Esse foi também o caso da Alemanha, por várias vezes, entre 18 e 23. Militantes jovens spartakistas estiveram à frente da ocupação do jornal diário do SPD, o *Vörrwärts*, em Dezembro de 1918, em represália à intervenção na Polícia de Berlim. Esta ação “exemplar” de vanguarda disseminou desconfiança e dividiu a maioria dos trabalhadores, ainda sob influência da direção de Ebert e Scheidemann, mas que tinham se posicionado solidariamente contra a demissão do dirigente do USPD que estava à frente da Polícia na Capital, e era perseguido pelo Governo do SPD.

Outro exemplo, mais recente, remete à Revolução Portuguesa,

quando ativistas sob influência das organizações de extrema-esquerda, em sua maioria maoístas, decidiram ocupar o jornal “República”, o diário do PS, e a Rádio Renascença, a rádio da Igreja Católica: uma ação “exemplar” de um sector de vanguarda provocou uma profunda divisão e alimentou uma enorme desconfiança do sector das classes trabalhadoras que reconhecia a social-democracia como a sua direção, e serviu de pretexto para que o PS - e a Igreja Católica, que tinha colaborado com o regime fascista durante quase meio-século!!! - convocassem, com sucesso, centenas de milhares às ruas em defesa das liberdades democráticas.

A impaciência dos que defendem um projeto que tem pressa

A maioria dos militantes da causa igualitarista se engajou na militância política, em todos os tempos, ainda muito jovens, com a disposição apaixonada de mudar o mundo, e a esperança de que as transformações seriam rápidas. Os corações generosos da juventude animam uma vontade que tem pressa. O mundo em que nos tocou viver é demasiado injusto, e não há razões para pensar que possa melhorar sem luta. Historiadores das organizações de esquerda testemunharam, incontáveis vezes, o despojamento e coragem de várias gerações de socialistas. Mas o desinteresse pessoal, a entrega, o heroísmo, quando se precipita em substitucionismo, não pode evitar derrotas. Gorender no seu clássico *Combate nas Trevas*, afirmou:

A luta armada pós-64 (...) a meu ver, teve a significação de violência retardada. Não travada em março-abril de 1964 contra o golpe militar direitista, a luta armada começou a ser tentada pela esquerda em 1965 e desfechada em definitiva a partir de 1968, quando o adversário dominava o aparelho de Estado, dispunha de pleno apoio nas fileiras das Forças Armadas e destroçara os principais movimentos de massas organizados. Em condições desfavoráveis, cada vez mais distanciada da classe operária, do campesinato e das camadas médias urbanas(...) a esquerda brasileira se motivou em suas próprias razões e as reforçou com idéias de impacto internacional nos anos sessenta (...) A derrota era inevitável. A esquerda brasileira de inspiração marxista só não pegou em armas quando as condições históricas determinavam que o fizesse. Nos começos de 1964, avançava impetuosamente o maior movimento de massas da história nacional. (GORENDER, 1987, 249/250).

Mas, se a transformação da sociedade acontece porque é necessária, não quer dizer que seja possível quando é necessária. As forças de inércia do conservadorismo dos próprios trabalhadores, reforçadas pelos aparelhos burocráticos que a burguesia e seu Estado protegem - e financiam - podem conter por décadas a insatisfação social dentro dos limites institucionais dos regimes de dominação, até que a crise atinge tal dramática gravidade, que se abre uma situação revolucionária. Uma longa espera foi, invariavelmente, o destino da maioria daqueles que se uniram à causa do socialismo.

Não há, contudo, atalhos que substituam a experiência política de milhões de trabalhadores. A revolução social demonstrou-se, incontáveis vezes, impossível, se os sujeitos sociais explorados e oprimidos não ganham confiança em si mesmos, e se não constroem suas organizações independentes, e apóiam uma direção com um projeto de luta pelo poder. Essa experiência prática tem tempos e medidas que são históricas, porque as massas populares, mesmo quando começam a perder a confiança nos seus velhos dirigentes, preferem estar mal organizados, a desorganizados. Não abandonam suas velhas organizações burocratizadas somente pela força dos argumentos esgrimidos pelos revolucionários, mas em função da incidência terrível de acontecimentos extraordinários. A lentidão deste processo de aprendizagem das massas deixa exasperados os jovens voluntaristas. As concepções substitucionistas foram, historicamente, o denominador comum a todos os ultra-esquerdismos, desde a formação do anarquismo, ainda no século XIX.

Não deve surpreender, portanto, a impaciência nos ambientes boêmios e, politicamente, ingênuos. O extremismo retórico sempre foi adequado à imaturidade dos pequenos círculos juvenis e, portanto, pouco responsáveis. Mas, o principal desafio que condicionará a evolução política destes coletivos será a sua capacidade de construir, ou não, laços com os trabalhadores e suas lutas. As críticas “demolidoras” às outras correntes resumem-se a ex-abruptos literários, enquanto não passarem provas efetivas de responsabilidade à frente de lutas, com todas as suas conseqüências. A disposição de se unir às lutas populares foi o “vestibular” de todas as correntes de esquerda que aspiraram a ser seriamente considerada. Aproximar-se das lutas dos trabalhadores e do povo, ir além dos ambientes estudantis, desligar-se da boêmia, romper com a marginalidade social, e ganhar maturidade

- e equilíbrio interno - forjando compromissos de classe estáveis, eis o exame de “primário” inescapável que decidiu sobre o futuro dos agrupamentos ultra-esquerdistas. Mas, só isso, demonstrou-se, ainda, insuficiente.

A marginalidade social é só um dos fatores que condicionam o ultra-esquerdismo

Organizações esquerdistas podem conquistar e manter alguma implantação proletária. São mais complexas as condições que impedem a cristalização de organizações embrionárias em facções estéreis. Sem a militância internacionalista e a abertura auto-crítica para identificação de seus erros, sem um funcionamento orgânico saudável, através de organismos coletivos que controlam os dirigentes e favoreçam a colaboração em bases objetivas, sem uma intervenção que contextualize a presença tática em cada luta à luz de uma resposta política nacional, e sem uma crescente cultura marxista que amplie o repertório teórico da militância, nenhuma organização socialista sobreviveu, imune, às pressões oportunistas e sectárias. Histórica e internacionalmente, o destino dos círculos que não desenvolveram mecanismos de auto-controle foi o das seitas incorrigíveis.

Um dos traços irritativos da polêmica na esquerda, quando os grupos ultras estão presentes, especialmente nos estudantis, foram os debates ásperos sobre a “última tática” e os julgamentos apocalípticos sobre seus adversários, impedindo, não poucas vezes, até a unidade de ação mais elementar. Associada à necessidade da diferenciação permanente, exagerando diferenças artificiais, e incitando uma desconfiança indiferenciada, os grupos de ultra-esquerda estudantis não escondem sua fúria inconsolável quando se descobrem incompreendidos, portanto, em minoria. Atribuíram a marginalidade de suas propostas a obstáculos burocráticos reais ou imaginários, desconhecendo a vontade da maioria, ou desprezando a disposição de luta maior ou menor, ou seja, o estado de espírito dos trabalhadores e dos estudantes. A impotência política vicia, fazendo pretexto da marginalidade social como álibi da fraqueza. Os grupos ultras passam a acreditar na força de um desejo tão intenso que já não diferencia as fronteiras entre a realidade e a vontade, e se transfigura em pensamento mágico. Eis porque, quanto mais marginais entre os trabalhadores,

mais obreiristas: a ideologização de um proletariado presumidamente disposto a ações revolucionárias imediatas foi o suficiente para excitar a fantasia dos ultra-esquerdistas, mas não o bastante para que encontrassem forças para superar a sua diáspora social dos trabalhadores.

O substitucionismo dos trabalhadores pela vanguarda mais ativa: o denominador comum do ultra-esquerdismo

Desde as origens do moderno movimento operário na Europa do século XIX, quando a influência do modelo das organizações secretas maçônicas ainda era grande entre os igualitaristas, e o blanquismo era sinônimo de comunismo no proletariado francês, o mais politizado e combativo do velho continente, o substitucionismo sempre foi uma tentativa poderosa. Afinal, somente em situações extraordinárias, que quase nunca se repetem no espaço de uma geração em cada sociedade, as grandes massas trabalhadoras se lançaram a ações revolucionárias.

Um projeto animado por um programa grandioso de refundação moral da civilização, um plano estabelecido a priori sobre como seria reorganizada a vida social, elaborado por um líder clarividente, e garantido pela decisão resoluta de uma direção inflexível, apoiada em uma organização disciplinada, e articulado com o apoio de uma vanguarda ativista, eis o plano de todas as conspirações. O substitucionismo da ação das massas trabalhadoras pela iniciativa de uma minoria audaciosa e, energeticamente, determinada, foi o denominador comum das mais variadas correntes ultra-esquerdistas. A citação de Trotsky sobre o tema do sectarismo remete às pressões que se abateram sobre o bolchevismo durante e depois da revolução russa de 1905:

Não é difícil encontrar-se na história do Partido russo o precursor da política atual do Comitê Central alemão: é o defunto Bogdanov, o criador do ultimatismo (ou otzovismo, do verbo russo otzyvat, que significa retirar). Ainda em 1905, considera impossível a participação dos bolcheviques nos Sovietes de Petrogrado, se os Sovietes não reconhecessem, preliminarmente, a direção social-democrata. Sob a influência de Bogdanov a secretaria peterburguesa do Comitê Central bolchevique adoptou em outubro de 1905 esta decisão: propor ao Soviete

de Petrogrado o pedido de reconhecimento da direção do Partido, em caso contrário seria decidido abandonar-se o Soviete. O jovem advogado Krassikov, membro do Comitê Central bolchevique nessa época, lançou este ultimato à assembléia plena do Soviete. Os deputados operários, inclusive os bolcheviques, se entreolharam com espanto e passaram à ordem do dia. Ninguém deixou o Soviete. Pouco depois, Lenine chegou do estrangeiro e passou um sabão tremendo nos ultimatas. Não se pode, ensinava ele, com auxílio de ultimatos, obrigar a massa a saltar por cima das fases indispensáveis de seu próprio desenvolvimento político. Bogdanov, entretanto, não renunciara à sua metodologia e criou, depois disso, toda uma fração de "ultimatistas" ou de "otzovistas": esta última designação lhes foi dada porque eram inclinados a retirar os bolcheviques de todas as organizações que se negavam a aceitar o ultimato enviado de cima: "Reconheçam primeiro a nossa direção". (TROTSKY, 1979 b, p.164)

A questão voltou a se colocar com aguda importância no início dos anos trinta na Alemanha, quando o KPD abraçou a fórmula do social-fascismo para definir a tática da social-democracia. Na América Latina, depois da vitória da revolução cubana, quando uma vaga de grandes lutas ameaçava se alastrar, o ultimatismo assumiu a forma militarista, e milhares de jovens estudantes e trabalhadores se engajaram heróica, porém, desastrosamente, no projeto de mimetização do que foi a experiência ímpar do Movimento 26 de julho liderado por Fidel Castro, entusiasmados com o exemplo de Che Guevara.

Duas polêmicas históricas

Os argumentos da ultra-esquerda remetem a duas discussões históricas na tradição do marxismo: como defender o programa da revolução, quando a maioria dos trabalhadores e jovens ainda alimenta esperanças na reforma do sistema, ou seja, quando as ilusões eleitorais de que seria possível mudar a sociedade pelo voto ainda estão vivas; e, quando os processos de burocratização são irreversíveis, como articular a unidade na ação com a pluralidade de organizações que pretendem a representação do trabalho na luta de classes.

O primeiro tema readquiriu importância, porque a abstenção já é um fenômeno que merece a atenção dos historiadores, sobretudo, nas classes trabalhadores de Estados Europeus, onde o

comparecimento eleitoral popular foi muito elevado no passado e desmoronou – como na França, a partir do segundo mandato Mitterrand - ou mesmo nos EUA, onde quase a metade dos potenciais eleitores não comparece, há uma década, mesmo em eleições presidenciais. Não foram poucos os militantes socialistas que se perguntaram, nas últimas duas décadas, se a melhor tática não seria o voto nulo ou uma campanha de boicote às eleições. Foi uma lição histórica, segundo a tradição do marxismo revolucionário, que a transformação da sociedade e a derrota do capitalismo não poderia acontecer colocando um voto na urna. Só a força majestosa e imponente das massas organizadas e em luta poderia derrotar o capitalismo. Mas, alertaram Marx e Engels, se a classe trabalhadora perdesse o horizonte da política, isto é, o instinto de poder, refugiando-se no sindicalismo de auto-defesa, perderia tudo. Estas são lições que herdadas da demarcação com o anarquismo:

Se diz que toda ação política traz consigo o reconhecimento do existente. Mas, o existente existe e não se importa como o nosso reconhecimento. Acaso seria reconhecimento empregar os meios que o existente nos dá, para protestar contra o existente? Nós queremos a abolição de classes. O único meio para isso é o poder político nas mãos do proletariado. E nos pedem que não façamos política? Todos os abstencionistas se chamam a si mesmos revolucionários. A revolução é o ato supremo da política e quem a deseje, tem que desejar também os meios que preparam a revolução(...) Tudo depende de que política, se a exclusivamente proletária, não como cauda da burguesia (Engels, 1988,124)

O escapismo político não resolveria o problema chave: escondendo-se da opinião majoritária entre o povo, os ativistas poderiam se sentir mais reconfortados entre si, mas permaneceriam minoritários. A apresentação nas eleições permaneceria uma das táticas mais eficientes para uma campanha de educação política de massas. Segundo o marxismo, os socialistas não ajudariam os trabalhadores a se libertarem da influência dos partidos representantes da visão de mundo do Capital, se escondendo do debate político na sociedade.

Seria inevitável a burocratização das organizações operárias?

Para os historiadores do movimento socialista, a compreensão das diversas disposições para a militância em organizações coletivas, em cada sociedade e em cada época, é ainda mais complexa. A desconfiança entre os jovens ativistas em relação às organizações permanentes, sindicais e políticas, crescentemente, burocratizadas, não parou de crescer ao longo do século XX, em especial, nas sociedades em que os regimes democrático-liberais se consolidaram no pós-Segunda Guerra. O modelo do velho movimento operário do final do século XIX agoniza na Europa, quando não deixou de existir. Pareceria que estamos diante de uma nova etapa histórica.

No longo meio século que vai das derrotas da revolução democrática em 1848 até à I Guerra Mundial, surgiu na Inglaterra, na França e na Alemanha, entre outros, uma nova realidade social: a existência de uma rede de organizações de massas, sindicais, associativas e recreativas onde o mundo do trabalho participava e se reconhecia. Dezenas de jornais diários, uma maioria da classe operária associada nos sindicatos e milhares de militantes nos partidos socialistas – com pluralidade de correntes – que conquistavam milhões de votos, garantiram peso social e capacidade de intervenção política a partidos com uma clara identidade de classe.

Esse orgulhoso movimento social, possivelmente, o mais poderoso da história, parece ter perdido a capacidade de atrair as novas gerações depois da década dos anos setenta, na Europa, enquanto na América Latina a dinâmica de reorganização era inversa. Decadência social, desemprego crônico, crise de representação, e maior despolitização influenciaram a busca de outras saídas sociais e reforçaram outras identidades. Ações minoritárias de grande visibilidade, todavia, com fortes traços anti-sociais – como nos subúrbios de Paris – expressam a disposição explosiva de um novo sub-proletariado internacionalizado, e conquistou simpatias mundiais.

Todos os partidos de esquerda passaram a ser encarados, depois da restauração capitalista na ex-URSS, até por uma parte da vanguarda radicalizada, mesmo na América Latina, em maior ou menor medida, com grande suspeita. A burocratização social e adaptação política parecem inevitáveis aos olhos da geração mais jovem. A construção

de organizações coletivas, sindicais e políticas nos remete ao próprio cerne do projeto socialista. A história teria demonstrado, segundo o marxismo, que não seria possível para a classe trabalhadora se afirmar como classe independente se não se organizasse, unificadamente, para agir coletivamente. A ação disciplinada seria vital, tanto no terreno sindical, como político. A classe operária descobriu o coletivismo na sua associação para o trabalho e na hora decisiva do combate de classe. Sem organizações permanentes, não seria possível que a ação coletiva conseguisse sucesso.

Sindicatos e partidos, no entanto, são coletivos que exigem divisão de tarefas, especialização, portanto, um aparelho. Aparelhos tendem a desenvolver uma lógica própria e autônoma de necessidades, e seu controle não é possível sem participação intensa. No entanto, embora a burocratização das organizações operárias seja uma tendência histórica, não parece ser uma fatalidade. Dependeu da intensidade maior ou menor da adesão das classes trabalhadoras às suas organizações. Não há nenhuma maldição que as tenha impedido de aprender a desenvolver mecanismos de autocontrole sobre seus líderes sindicais e políticos. Isso se demonstrou, certamente, difícil. Na época contemporânea, nenhuma classe foi social, cultural e politicamente homogênea, mas essas distinções nunca impediram que a luta de classes abrisse o caminho para construção da unidade na luta. As desigualdades subjetivas – expressão das experiências não são menores e expressam as diferenças de experiência sindical, políticas e ideológicas. Gorender sintetiza com lucidez os termos do problema:

No campo estrito dos partidos políticos, não é garantida a fidelidade dos partidos operários aos seus representados. É inimaginável que um partido burguês defenda os interesses da classe operária contra os interesses da burguesia. O contrário, porém, ocorre e não constitui episódio surpreendente: partidos operários podem, como se diz, «fazer o jogo» da burguesia, em prejuízo dos interesses fundamentais ou conjunturais do proletariado. A relação entre o proletariado como classe e sua representação política, seja com os partidos ou com os dirigentes, é, como se percebe, muito mais problemática do que para a burguesia. (GORENDER, 1999, p.49/52.)

Os ultra-esquerdistas desconfiam de organizações estáveis que só puderam se manter pela força dos mandatos, uma representação indireta que se apóia nos humores das grandes maiorias. Ocorre que

os humores da maioria dos trabalhadores, em situações reacionárias, estão longe de serem revolucionários. Desqualificaram, portanto, o lugar da organização e ação de massas, e hiper-valorizaram o papel exemplar de setores de vanguarda: não por acaso, em coerência, uma das vertentes inspiradas no anarquismo abraçou o terrorismo político. Os métodos terroristas voltaram a ter importante ressonância, nos últimos vinte anos, na região mais conflagrada do mundo, com o surgimento de organizações nacionalistas laicas e religiosas radicais, sem referência na tradição socialista: o Oriente Médio.

O conspirativismo: quando a necessidade se transforma em virtude

A esquerda socialista viveu acoçada pela repressão, ao longo da história do último século e meio, incontáveis situações perigosas, em que até a sobrevivência física de seus membros esteve ameaçada. Nesse terreno das tarefas de organização, a existência condicionou, também, a consciência, e forjou uma “cultura” que teve repercussão na vida de todas as correntes, inclusive, as ultra-esquerdistas.

A perseguição permanente sob a ameaça da repressão implacável, exigiu do incipiente movimento comunista em muitos países, durante os anos que se seguiram à vitória da revolução russa, uma estrita clandestinidade. Não foi incomum, todavia, que se transformasse nas décadas seguintes, já em situações de ampla legalidade, o que tinha sido necessidade de sobrevivência, em virtude. Os partidos comunistas europeus e latino-americanos, antes da Segunda Guerra Mundial, quando da luta contra o nazi-fascismo, mantiveram estruturas paralelas semi-legais que administravam finanças reservadas, imprensas encobertas, e viagens internacionais, entre outras atividades. Na segunda metade do século, em condições impostas pela “guerra fria”, os métodos conspirativos foram preservados, mesmo quando a participação institucional era possível.

O tema das relações com a legalidade de um Estado socialmente inimigo, que controla as forças de repressão policiais e militares, influencia os meios de comunicação e criminaliza a militância anti-capitalista, foi, também, um divisor de águas. Marx alimentava, no seu tempo, inúmeras reservas em relação à mentalidade clandestinista predominante no interior da Liga dos Justos - que denominava, com

alguma maldade, de a “Liga Essênica” - que estava embebida do blanquismo comum nos círculos radicais, semi-jacobinos, semi-socialistas e anti-clericais, e que proliferaram Europa afora através das organizações influenciadas pela maçonaria. A tal ponto era a sua hostilidade em relação a estas concepções sectárias, em matéria de organização, que a mudança nos estatutos da Liga foi, junto com uma ruptura em torno do que considerava um “comunismo sentimental”, uma das condições exigidas, sine qua non, para a sua adesão no segundo congresso em 1847. Uma reconstrução histórica desse processo de aproximação de Marx e Engels com as organizações operárias do seu tempo, pode ser encontrada em Löwy:

Todos os traços estreitamente conspirativos da organização dos Justos foram eliminados: a importância exagerada do segredo – o artigo 2 dos antigos Estatutos que definia a Liga como uma “associação essencialmente secreta” foi suprimido e se propôs a propaganda pública através de manifestos; os rituais místicos para a admissão, típicos das seitas inspiradas na Maçonaria, etc... (LÖWY, 1972, p.209.)

Quando Marx articulou a Primeira Internacional a referência de organização socialista era o partido operário – uma organização unificada, uma seção, em cada país - ainda muito indiferenciado dos sindicatos e das associações de ajuda mútua, as fraternidades e cooperativas. Na virada do século XIX para o século XX os partidos socialistas europeus, os primeiros a conquistar influência de massas, começaram a conviver com várias frações políticas no seu interior: o debate Bernstein sobre a possibilidade de uma transição pacífica eleitoral ao socialismo provocou a diferenciação em dois campos principais, porém, surgiram entre eles, o centrismo e o ultra-esquerdismo. Estes campos expressavam experiências político-sociais diversas das várias alas: parlamentares eleitoralistas, intelectuais nacionalistas exaltados, líderes sindicais burocratizados, funcionários do próprio aparelho de organização dos partidos da Segunda Internacional, e na outra extremidade, a militância de base, os ativistas estudantis mais jovens. Uma maioria de trabalhadores manuais permaneceu leal à direção histórica – na França, Jaurés, na Alemanha, Bebel – que arbitrava entre as tendências reformistas, o centro e a esquerda revolucionária.

A unidade deste movimento operário foi mantida até à vitória

da revolução de Outubro, à exceção da Rússia, onde os bolcheviques se construíram como fração independente, depois de idas e vindas, após 1912. Na Terceira Internacional, quando do debate sobre as vinte e uma condições para a filiação das recém constituídas seções, os ultra-esquerdistas atribuíram à existência legal do movimento operário, quando da explosão da Primeira Guerra Mundial, os seus vícios oportunistas, e às virtudes da clandestinidade do bolchevismo, seus reflexos internacionalistas.

Uma classe, vários programas, diversos partidos

A época em que os marxistas estavam todos em um só partido se encerrou, paradoxalmente, com a vitória da primeira revolução socialista. A luta dos movimentos de trabalhadores confirmou que, apesar do proletariado ser, comparativamente, a menos heterogênea das classes da sociedade moderna, conhece, também, diferenciações internas objetivas e subjetivas que impedem uma representação política em um só partido. Trabalhadores da produção ou dos serviços, manuais ou intelectuais, vinculados às grandes empresas ou aos pequenos negócios, concentrados em grandes cidades ou dispersos pelos interiores, educados ou iletrados: são muitas as diversidades objetivas. As diferenças políticas e ideológicas não poderiam ser pequenas, e traduziram distintas pressões sociais. Não surpreende que o capital e seus agentes se esforcem tanto em exercer influência nas fileiras do proletariado, explorando as rixas e fomentando rivalidades.

Os trabalhadores tiveram que viver a experiência material e histórica de se organizar em diferentes formas: sindicatos, associações, conselhos de fábrica ou empresa, e finalmente, partidos. Mas, reconhecamos, muitos tipos diferentes de partidos. Partidos eleitorais e partidos de luta, partidos de massas e círculos de vanguarda. Partidos reformistas, centristas, revolucionários, e ultras. Vieram assim, ao longo do tempo e na escala internacional, construindo uma memória de luta anti-burocrática. A dificuldade de representação da classe operária foi, portanto, simétrica à facilidade com a qual a burguesia improvisa as suas lideranças recorrendo ao material humano com origem em outras classes.

Referências

BROUÉ, Pierre, *Histoire de la Internationale Communiste, 1919-1943*, Paris, Fayard, 1997.

DAVIS, Mike, *Coches-bombas, Las fuerzas aéreas de los pobres*, in <http://www.zmag.org/Spanish/>, 2006. Este artigo é um rascunho preliminar de um estudo mais amplo que aparecerá o próximo ano sob o título *Indefensible Space: The Architecture of National Insecurity State* pela editora Routledge.

ENGELS, Friederich. Introdução à Guerra Civil na França, *A Internacional*, México, Fondo de Cultura Económico, 1988. Tradução nossa.

ENGELS, Friederich. *Sobre a ação política da classe operária, estrutura de um discurso para a sessão da Conferência de 21 de setembro de 1871*, in *A Internacional*, México, Fondo de Cultura Económico, 1988. Tradução nossa.

GORENDER, Jacob, *Combate nas Trevas, A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*, São Paulo, Ática, 1987.

GORENDER, Jacob, *Marxismo sem Utopia*, São Paulo, Ática, 1999.

HOBSBAWM, Eric, *A Era dos extremos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

LENIN, Vladimir Ilitch Ulianov, *O Esquerdismo, a enfermidade infantil do comunismo*, in *Obras Escolhidas*, tomo III, Moscou, Editorial Progresso, 1966. Tradução nossa.

LÖWY, Michael. *La teoría de la revolución en el joven Marx*. Buenos Aires, SIGLO XXI, 1972. Tradução nossa.

TROTSKY, Leon, *Sectarismo, Centrismo e a Quarta Internacional*, in *Escritos*, Tomo VII, Volume 1, Bogotá, Pluma, 1979 a. Tradução nossa.

TROTSKY, Leon, ***Revolução e Contra-revolução na Alemanha***, São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1979 b. Tradução nossa.

Artigo recebido em 26/02/2007 – Artigo aceito em 03/07/2007.